

## 40º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS

### SPG 27 RECONFIGURAÇÕES DO MUNDO DO TRABALHO E AÇÃO SINDICAL DESLOCAMENTO DO TRABALHO FEMININO E OS NOVOS CONTORNOS DA DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO NA CONSTRUÇÃO CIVIL

Maria Aparecida Sanches S. Jorge<sup>1</sup>

#### RESUMO

Com foco nas questões sobre trabalho feminino e os novos contornos da divisão sexual do trabalho, o estudo volta-se para a inserção feminina na construção civil, nas funções de ceramista, azulejista e rejuntadora. A pesquisa analisa os motivos do deslocamento das mulheres para este setor, destacando a precarização, a intensificação, a delegação do trabalho doméstico, as habilidades manuais, a polarização, a escolaridade nos canteiros de obra em Anápolis e Goiânia. Orientada-se para a verificação dos novos contornos da divisão sexual do trabalho, no sentido de identificar elementos que evidenciam mudanças que rompem com as desigualdade de gênero em uma profissão tradicionalmente masculina ou promovem novas formas de exploração do trabalho feminino. A pesquisa foi realizada nos canteiros de obras, com entrevistas, observações e descrição do cotidiano do trabalho feminino no setor de acabamento. Verificou-se que o deslocamento é promovido pela escassez de mão de obra masculina, pelos cursos de qualificação profissional, pelo atrativo da carteira assinada, dos salários e estas mulheres estão saindo majoritariamente do trabalho doméstico e são inseridas no setor de acabamento, local de trabalho exclusivamente manual, onde “produzir e limpar” possuem a mesma dimensão. A pesquisa revelou que o trabalho no setor de acabamento passa por uma reclassificação promovida pelas habilidades manuais. Assim, é possível levantar o pressuposto da feminização do setor de acabamento da construção civil nas empresas pesquisadas.

**Palavras-chave:** trabalho feminino. divisão sexual. novos contornos. deslocamento do trabalho.

CAXAMBU - MG  
2016

---

1 Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Goiás, professora da Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Silvânia. Participação financiada pelo Pró-eventos-UEG.

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objeto de estudo, o trabalho feminino na construção civil, volta-se para a identificação destas trabalhadoras: quem são estas mulheres, suas idades, escolaridades e situação de trabalho. De onde estão se deslocando? Quais motivos as levaram a inserir-se no trabalho na construção civil como ceramista, rejuntadora, pedreira? Visa analisar os novos contornos da divisão sexual do trabalho e destacar como se processa a divisão sexual do trabalho doméstico para estas trabalhadoras.

As características que a divisão sexual do trabalho vem assumindo após a reestruturação produtiva e do trabalho, imposta pela flexibilidade, são aqui denominadas, de “os novos contornos da divisão sexual do trabalho”.

Para Hirata (2003), existe hoje uma pergunta que deve ser respondida quando a questão se refere à divisão sexual do trabalho na flexibilidade: assistiu-se na atualidade a emergência de uma nova divisão sexual do trabalho?

Segundo a própria autora, responder a esta questão não é uma tarefa tão fácil assim, pois a crise econômica que introduziu a reestruturação produtiva flexível, trouxe implicações complexas para o trabalho feminino, e vários aspectos que estão diretamente influenciando esta trajetória não podem ser analisados de maneira isolada é fundamental que a trajetória do trabalho feminino no mercado, seja analisada à luz das questões relacionadas a gênero. Destaca que não se pode falar em nova divisão sexual do trabalho e sim, de novos contornos, pois as transformações provocadas pela acumulação flexível trouxeram novas implicações, novos efeitos, novas características, reforçando as desigualdades e exploração e por isso, não alterou de fato, a divisão sexual do trabalho.

De acordo com Hirata (2003), não basta apenas verificar o aumento das mulheres no mercado de trabalho, nas mais diversas profissões é preciso também verificar a divisão sexual do trabalho doméstico, que é fator de situação de precariedades, vulnerabilidades, salários baixos e desvalorização social.

Torna-se fundamental para situar o objeto de estudo, no tempo e no espaço, destacar as transformações econômicas, políticas e sociais que afetaram de maneira intensa o “mundo do trabalho”, a partir da década de 1970, com a implantação de um novo modelo de acumulação, chamado por David Harvey (2012), de Acumulação flexível e pelas diretrizes políticas do neoliberalismo. Os efeitos acarretados por este modelo de acumulação sobre a divisão sexual do trabalho foram intensos e significativos e estão modificando a forma de ser

do trabalho feminino. Estas novas características são aqui identificadas como os novos contornos da divisão sexual do trabalho no deslocamento do trabalho feminino para a construção civil.

A reestruturação produtiva atingiu intensamente o mundo do trabalho, provocando o aumento do desemprego estrutural, a precarização, instituiu contratos mais flexíveis e promoveu novos contornos para a divisão sexual do trabalho. Se na tradicional divisão sexual do trabalho, as desigualdades entre homens e mulheres eram evidentes e intensas, este novo modelo de acumulação, aumentou as diferenças e explorações, provocou profundas alterações na dinâmica da organização e na divisão sexual do trabalho, fortalecendo algumas práticas e favorecendo o surgimento de novas formas de exploração e desigualdades.

Assim, diante destas mudanças significativas na organização do trabalho, torna-se necessário avaliar os impactos sobre o trabalho feminino, tendo como foco central a compreensão e análise sobre os novos contornos da divisão sexual, no deslocamento do trabalho feminino para uma atividade tradicionalmente masculina, a construção civil, voltando a atenção para o emprego de mulheres em funções, como, azulejista, ceramista, rejuntadora.

A reestruturação produtiva, introduziu mudanças que atingiu a classe trabalhadora, que passou a viver da lógica flexível imposta pelo capital. E para as mulheres estas transformações tiveram efeitos intensos, no sentido de maior exploração, maior precarização de postos feminizados, contratos flexíveis com trabalhos temporários e parciais, terceirizado e diferenças salariais.

As desigualdades de gênero no emprego evidenciam que os condicionantes naturalizados socialmente, e fortalecidos pelo modelo de família patriarcal determinam os papéis entre homens e mulheres na sociedade, e são amplamente aproveitados no capitalismo e estabelecendo que “trabalho masculino vale mais que trabalho feminino”.

As novas configurações do trabalho na atualidade força-nos a buscar uma melhor compreensão dos novos contornos e significados da categoria gênero e trabalho, num esforço de revelar as novas formas que a divisão sexual do trabalho vem assumindo. A reestruturação produtiva flexível, que trouxe implicações para o trabalho feminino, destaca vários aspectos que estão influenciando as condições de emprego da mulher e não podem ser entendidos isoladamente. É necessário analisar o trabalho feminino à luz das questões de gênero, relacionando-o com a divisão sexual do trabalho doméstico, com os postos de precarização, com os salários baixos e diferenciados, com o aumento da escolaridade feminina, com a polarização, com os trabalhos manuais e com a desvalorização social.

Assim, entender e descrever as tendências dessas transformações que indicam uma reformulação e redesenhos da divisão sexual do trabalho no processo de reestruturação produtiva e suas implicações para o mundo do trabalho feminino, será possível por meio de estudos fecundos, capazes de revelar os tipos de relações sociais que estão sendo formados pelas transformações que estão acontecendo, principalmente nas profissões recentemente ocupadas pelas mulheres, como é o caso da construção civil.

A partir das abordagens do modelo de família patriarcal e sua consequente divisão sexual do trabalho é possível reflexões mais amplas sobre o trabalho doméstico e profissional, carreira, diferenças salariais e os efeitos produzidos e aprofundados na flexibilidade, tais como a precarização e intensificação, trabalhos manuais, polarização, delegação, escolaridade das mulheres no mercado de trabalho.

As mulheres mais escolarizadas, nos dias de hoje, para manter-se no mercado de trabalho investem em suas carreiras ampliando cada vez mais os seus estudos e buscando maior qualificação. Mas a sua permanência no mercado de trabalho, exige dela a utilização de estratégias como a “delegação” dos afazeres domésticos à outras mulheres, já que o trabalho doméstico continua sendo atribuído a elas. Hirata (2007). Estas estratégias são utilizadas para conciliar as tarefas domésticas, família e carreira. Para a realização profissional, as mulheres precisam externalizar o trabalho doméstico.

A pesquisa está orientada para a busca e verificação dos novos contornos da divisão sexual do trabalho, no sentido de identificar elementos que evidenciam mudanças que rompem com as desigualdades ou promovem novas formas de exploração do trabalho feminino. Analisa se o deslocamento da mulher trabalhadora para a profissão de ceramista, rejuntadora, tradicionalmente masculina, amplia a precarização e intensificação nesta nova configuração de trabalho. Diante desta problemática, os objetivos do estudo voltam-se para a identificação destas trabalhadoras: quem são estas mulheres, sua idade, escolaridade, situação de trabalho. De onde estão se deslocando? O objetivo volta-se também para conhecer os motivos que levaram estas mulheres a inserir-se no trabalho na construção civil como pedreira, ceramistas, rejuntadora. Visa verificar e analisar os novos contornos da divisão sexual do trabalho e destacar como se processa a divisão sexual do trabalho doméstico. Analisa se estas relações de trabalho estabelecem uma maior desqualificação, precarização e intensificação do trabalho feminino ou está iniciando o rompimento com o sistema hierárquico de gênero nesta profissão tradicionalmente masculina.

De acordo com Hirata (2003), não verifica-se na atualidade uma nova divisão sexual do trabalho, onde as desigualdades de gênero no emprego, tenham desaparecido ou

diminuindo de forma intensa e significativa, mas também, não é possível desconsiderar as mudanças relevantes que estão influenciando a divisão sexual do trabalho nos dias atuais. Falar em mudanças, significa verificar as consequências que os fatores novos ou tradicionais estão acarretando para o trabalho feminino, principalmente em profissões majoritariamente e tradicionalmente masculina, como a construção civil.

Os contornos que a divisão sexual do trabalho vem apresentando, partem do princípio de que as mudanças no mundo do trabalho feminino, não são rupturas, mas "brechas decisivas e não definitivas" e que estão em pleno desenvolvimento. Assim, estas características ou estas brechas, que são analisadas como os novos contornos da divisão sexual do trabalho, são decorrentes dos efeitos produzidos no mercado de trabalho feminino, pela imposição às mulheres do trabalho doméstico, dos princípios da separação e hierarquização entre trabalho feminino e masculino, naturalizados socialmente, que fortalecem as diferenças salariais, as desigualdades e as duplas jornadas.

As habilidades manuais, o cuidado, a paciência, a alta destreza, a fácil adaptação à rotina, desenvolvidas e apreendidas no interior da família através das atividades domésticas são atributos e qualificação, que passaram a ser requisitados pelas empresas na flexibilidade, onde os setores ainda não foram tecnologicamente modificados pela microeletrônica. As habilidades manuais podem ser analisadas como característica dos novos contornos da divisão sexual do trabalho e impõem às mulheres o trabalho precário. Os trabalhos manuais das atividades reprodutivas passaram a ser componentes importantes na apropriação do corpo como qualidades naturais, meio de exploração e expansão da intensificação e precarização do trabalho feminino.

Os novos contornos que a divisão sexual do trabalho vem apresentando, evidencia o deslocamento do trabalho feminino para profissões tradicionalmente masculinas, onde as mulheres, não estão apenas aumentando sua inserção no mercado de trabalho, mas também penetrando em todos os setores da economia e desempenhando cargos e funções antes só ocupados por homens. Desta forma, o presente estudo destaca a inserção delas na construção civil, para a compreensão e análise dos novos contornos da divisão sexual do trabalho e os efeitos produzidos nesta nova configuração de trabalho para as mulheres.

A relevância do estudo está em identificar os aspectos que envolvem as relações de gênero, pois, segundo Santana e Oliveira (2004), os trabalhadores da construção civil são os que mais sofrem com os avanços da precarização, evidenciada pelo maior número de trabalhadores informais, temporários, sem carteira assinada, baixa escolaridade e sem os benefícios da previdência social.

A metodologia da pesquisa utilizou-se dos recursos da entrevista estruturada e semi-estruturada, da observação para a coleta de dados nos canteiros de obras em Anápolis e Goiânia. Foram realizadas entrevistas com mulheres que estão exercendo a função de ceramista, azulejista e rejuntadora.

A coleta de dados, “in locus” procedeu-se seguindo o roteiro das entrevistas que foram gravadas e realizadas de forma individual e desta forma verificar o estado da questão.

As observações foram realizadas para apreender situações do dia a dia do trabalho feminino no canteiro de obra e revelar aspectos e/ou informações que auxiliassem nas análises dos dados. As observações foram também utilizadas para “descrição da rotina de trabalho das mulheres”, esta descrição foi realizada mediante convívio direto com as trabalhadoras.

A pesquisa utilizou-se da bibliografia existente para o entendimento, discussões e análises acerca dos termos e conceitos fundamentais, que compõem o tema central do estudo: o trabalho feminino, a divisão sexual do trabalho, os novos contornos da divisão sexual do trabalho, a precarização e intensificação do trabalho. Para o direcionamento do estudo buscou-se também as abordagens dos aspectos que estão diretamente ligados aos novos contornos da divisão sexual do trabalho: as desigualdades salariais, o trabalho doméstico, a escolaridade, a polarização, as habilidades manuais femininas.

A palavra “deslocamento” na investigação é utilizada para verificar a saída de mulheres trabalhadoras de outras profissões vistas como feminina para uma profissão tradicionalmente masculina. Possui o sentido de movimento, de mudança de um lugar para outro e possui o sentido de desprender-se de antigas convenções culturais, para verificar os elementos que indicam o crescimento da inserção feminina na construção civil na última década. Deslocamento possui a ideia de identificar “de onde” estão vindo ou se deslocando, estas trabalhadoras, suas condições anteriores de trabalho e de salários. O ato de inserir-se na construção civil estaria no âmbito pessoal ou é motivado por políticas para as mulheres trabalhadoras?

O sentido da palavra “deslocamento” ganha importância para a observação do movimento de inserção feminina neste espaço dominado por homens e o rompimento de antigas formas culturais e relações de gênero (trabalho na construção civil é trabalho para homens) assumindo a dimensão de novos contornos da divisão sexual do trabalho.

Recorreu-se à pesquisa qualitativa para descrever, explicar e interpretar o objeto de estudo, através de entrevistas estruturadas e semi estruturadas, das observações participantes,

e desta forma verificar as condições do trabalho feminino dentro das temáticas que se propõe o estudo. A análise qualitativa possibilitou a compreensão e interpretação os fenômenos sociais a partir de seus significados e resultados, contribuindo para uma visão mais abrangente do problema.

Buscou-se dados no SENAI-GO sobre a quantidade de mulheres que concluem os cursos de qualificação profissional no setor de construção civil para a verificação do quantitativo de mulheres e o seu crescimento nos últimos anos. Os dados foram fornecidos pela Coordenação da Construção Civil e instrutores dos cursos, como também pelo NRM - Núcleo de Relações de Mercado e pela a Coordenação de Estágio e Emprego do SENAI-GO.

Para maiores informações sobre os trabalhadores da construção, coletou-se dados no Sindicato da Indústria da Construção - Sinduscon-Go e no SECONCI - GO - Serviço Social da Indústria da Construção Civil de Goiás.

O marco temporal para verificação e análises do deslocamento das mulheres para a construção civil foi a partir do ano 2000 até o ano de 2014.

As fontes de dados utilizadas foram, tanto do Censo Demográfico e das Pesquisas Nacionais por Amostra de Domicílios - PNAD, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, do Ministério do Trabalho e Emprego - MTE, até as últimas datas disponíveis de 2010. Contudo, alguns dados isolados ou microdados, datados de 2011, 2012 e 2013 foram coletados do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos - DIEESE, da Pesquisa Mensal de Emprego - PME, do Cadastro Geral de Emprego e Desemprego - CAGED, da Pesquisa Anual da Indústria da Construção Civil - PAIC. Estes dados serviram de sustentação para as análises descritivas e qualitativas do objeto de estudo.

## **1. O deslocamento do Trabalho Feminino e os novos contornos da divisão sexual do trabalho na construção civil**

O deslocamento das mulheres trabalhadoras para a construção civil em Goiás é constatado através dos dados do Cadastro Geral de Emprego e Desemprego – CAGED, que evidencia a sua evolução a partir de 2009, com 4.009 mulheres na construção civil, para 7.380 mulheres em 2013. Este deslocamento é identificado como o início de um processo de rompimento das antigas formas culturais, as quais estabeleciam que a construção civil é lugar

apenas para homens. As políticas de inserção feminina contribuíram para o afrouxamento dos preconceitos. Porém, este rompimento é ainda lento e parcial.

O deslocamento das mulheres para a construção civil, no setor de acabamento, processa-se majoritariamente do serviço doméstico promovido pelo atrativo salarial, pela carteira assinada (salário mais alto com as gratificações e horas extras) e pela possibilidade de mudança de função, o que implica em melhorias salariais, sem necessidade de maior escolaridade. A experiência, o saber fazer, vale mais do que a escolaridade. Das dezoito (18) trabalhadoras entrevistadas em Anápolis e Goiânia, apenas duas (02) não tinham deixado o trabalho doméstico para inserir-se na construção civil embora, já tivessem exercido esta profissão anteriormente. Uma delas estava no comércio como vendedora de bijuterias e a outra trabalhava com o Telemarketing.

A Tabela abaixo evidencia o deslocamento das trabalhadoras do serviço doméstico para a construção civil, nas cidades pesquisadas, mostrando que a grande maioria delas estavam nesta função.

**Tabela 1 - Trabalhadoras da construção civil que se deslocaram do serviço doméstico**

Trabalhadoras da construção civil	Anápolis	Goiânia	Total
Serviço doméstico	06	10	16
Outras profissões	01	01	02
Total	07	11	18

Fonte: Dados obtidos através da pesquisa. Elaboração própria

O trabalho no setor de acabamento é mais valorizado socialmente do que o serviço doméstico; possui um status diferenciado na visão das trabalhadoras. Outro fator que comprova este deslocamento do serviço doméstico para o setor de acabamento são os cursos de qualificação para mulheres de baixa renda ou em situação de vulnerabilidade social, para as funções de ceramista, rejuntadora, azulejista e pedreira de acabamento, promovidos pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial - SENAI - GO e pelas Secretaria de Políticas para Mulheres em parceria com o Ministério do Trabalho e Emprego - MTE.

Os cursos de qualificação promoveram o deslocamento, principalmente após o desenvolvimento em Goiás, de projetos como “Mulheres na Construção Civil” que tem como objetivos a inserção feminina no setor, para suprir a falta de mão-de-obra. A pesquisa revela que o deslocamento também se processa no âmbito pessoal, isto é, mulheres que não fizeram



curso de qualificação, mas cansadas do trabalho doméstico, desgastante e pouco valorizado, procuraram o setor na expectativa de melhores salários e oportunidades. Desta forma, o deslocamento para o setor de acabamento é promovido tanto por políticas públicas, como no âmbito pessoal.

O deslocamento é identificado como início de um processo de rompimento das antigas formas culturais, as quais estabeleciam que a construção civil é lugar apenas para os homens. As políticas de inserção feminina contribuíram para o afrouxamento dos preconceitos. Porém, este rompimento é ainda lento e parcial.

Apesar dos discursos sobre a presença feminina nos canteiros de obras serem vistos com naturalidade, destacarem a eficiência do seu trabalho e as suas habilidades, ainda não é possível falar de rompimento das antigas formas culturais. Elas são destinadas para o setor de acabamento, onde suas habilidades manuais são aproveitadas, não apenas para o trabalho de rejunte ou assentamento de pisos, mas também para o serviço de limpeza. O setor de acabamento assemelha-se ao trabalho doméstico e trabalho doméstico é trabalho de mulher por isso, não conseguem exercer outras funções dentro do canteiro de obras, ainda de domínio exclusivo dos homens.

O deslocamento das mulheres para a construção civil é pequeno, mas significativo nos últimos dez anos. Este deslocamento existe de fato e pode ser identificado como um novo contorno da divisão sexual do trabalho.

### **1.1 A precarização do trabalho feminino na construção civil**

Este setor é o último estágio da construção e as mulheres não são aproveitadas em outras funções, como geralmente acontece com os trabalhadores homens. A flexibilidade para admitir e demitir é um recurso amplamente praticado pelas construtoras para livra-se dos encargos trabalhistas. A falta de proteção da legislação facilita esta prática, as mulheres são contratadas com carteiras assinadas, mas devido ao caráter cíclico da construção civil são demitidas facilmente.

O controle das trabalhadoras é percebido através do trabalho individualizado, das tarefas estabelecidas e pelas gratificações por produtividade. Para conseguir cumprir as metas, o ritmo de trabalho é intenso, quanto mais produzir maiores serão as gratificações.

Existe o controle do tempo de trabalho, dos gastos de material, isto é, do desperdício.

Para manter o ritmo acelerado do trabalho, as construtoras contam com um forte aliado: os produtos de secagem rápida, que exigem um trabalho ininterrupto. Assim, as trabalhadoras não podem cessar suas atividades, caso contrário a massa seca e não é possível realizar o trabalho. Os produtos de secagem rápida também facilita na execução de etapas posteriores, não é necessário esperar para realizar o trabalho seguinte. Como por exemplo: após o rejuntamento começa-se imediatamente o serviço de limpeza, com o produto seco é difícil a sua retirada. As novas tecnologias desenvolvidas na fabricação dos produtos de secagem rápida também contribuem para a precarização e intensificação do trabalho das mulheres no setor de acabamento.

As difíceis condições de trabalho se revelam, quando é analisado as nove (09) horas de jornada diária ou 45 horas semanais, com uma hora apenas de almoço, que é servido no próprio canteiro de obras, desta forma, evita-se os atrasos. As difíceis condições de trabalho são provocadas principalmente pela própria natureza do trabalho, onde tudo está por construir, principalmente em relação aos banheiros, quando estes não podem ser utilizados nos apartamentos.

A precarização do trabalho feminino, também se dá através da comparação dos salários de homens e mulheres no mercado de trabalho. Na construção civil em Anápolis e Goiânia no setor de acabamento, para o serviço de rejunte, não foi encontrado homens realizando esta função, assim não foi possível fazer a comparação. No serviço de pedreira de acabamento e ceramista, foi possível realizar a comparação, onde verifica-se que os homens recebem salários superiores, destacando desta forma, uma política salarial diferenciada entre os sexos em Anápolis e Goiânia. Nesta função, não é executado o serviço de limpeza, mas as mulheres possuem salários menores. Os salários são diversificados, dependendo do valor estabelecido para a tarefa em cada construtora, que pode variar de uma para outra. A Tabela abaixo, destaca as diferenças salariais entre mulheres e homens no setor de acabamento.

**Tabela 2 – Diferenças salariais entre mulheres e homens na função de pedreira de acabamento**

Função	Mulheres	Homens
Pedreiro de acabamento	De 1.800,00 a 2.000,00	2.800,00 a 3.300,00

Fonte: Dados coletados na pesquisa de campo. Elaboração própria

Mesmo que as trabalhadoras afirmem que é um trabalho leve e fácil de fazer, o trabalho é incessante, sem interrupções e exige um esforço físico constante para suportar as posições nem sempre confortáveis, grande parte do tempo ficam agachadas, tanto para o rejuntamento, como para o assentamento do piso e realizam movimentos constantes de abaixar e levantar, força nos braços para preparar a argamassa, resistência para subir e descer a escada, quando o assentamento e rejunte são realizados nas paredes. Verifica-se desta forma, que as condições laborais das trabalhadoras são desgastantes, desconfortáveis e requer força, agilidade, rapidez.

Visando a eficácia produtiva e o controle do trabalho, as construtoras de Anápolis e Goiânia utilizam a individualização das tarefas. Cada trabalhadora executa o seu trabalho sozinha nos apartamentos a elas destinados. Assim, o encarregado e o mestre de obras são capazes de avaliarem o rendimento e qualidade do trabalho executado por cada trabalhadora. O trabalho individualizado evita a perda de tempo com conversas, permite a concentração ao trabalho, a verificação do desperdício de materiais, a conservação das ferramentas e a necessidade de reposição de materiais de um período para outro e quantidade de peças danificadas ou quebradas. A Tabela 3 destaca as características da precarização do trabalho feminino na construção civil.

**Tabela 3 - A precarização em Anápolis e Goiânia para as mulheres da construção civil**

Precarização		
Características do trabalho	Anápolis 07 mulheres	Goiânia 10 mulheres
Informalidade entre as mulheres	Não possui	Não possui
Média de meses de trabalho	De 03 meses a 01 ano	De 01 ano a 02 anos
Demonstraram preocupação com o desemprego (rotatividade)	07	-
Mulheres em desvio de função	05	-
Horário que saem de casa para o trabalho	5h e 30min e 6:00h	4h e 15min e 5:00h
Condições de trabalho	difíceis	difíceis
Riscos de acidente	maiores	pouco
Trabalha de forma individualizada	07	10
Trabalho por tarefa	07	10

Fonte: Dados obtidos através da pesquisa de campo. Elaboração própria

## 1.2 A intensificação do trabalho feminino na construção civil

Dal Rosso conceitua intensificação do trabalho como os processos de quaisquer natureza que resultam em um maior dispêndio das capacidades físicas, cognitivas, emocionais do trabalhador, com o objetivo de elevar quantitativamente ou melhorar qualitativamente os resultados. Em síntese, mais trabalho. (DAL ROSSO, 2008, p. 23).

A intensificação do trabalho feminino foi identificada nos canteiros de obras e amplamente fortalecido. A pesquisa revelou que o trabalho das mulheres no setor de acabamento, onde as rejuntadoras, pedreiras, ceramistas e azulejistas trabalham, considerado como “trabalho leve,” exige grande dispêndio de capacidades físicas, cognitivas e emocionais. A intensificação está presente a partir do cumprimento da jornada de trabalho de nove horas (09) em um ritmo constante, rápido, onde se exige intensa capacidade física, desde o preparo da massa, aos movimentos ágeis do assentamento dos pisos e azulejos.

Não há intervalos para lanches, o ritmo de trabalho deve ser mantido sem interrupções para que as tarefas estabelecidas sejam cumpridas o quanto antes, pois existe um prazo para a entrega dos apartamentos.

Esta atividade exige movimentos constantes de abaixar e levantar ficar em posição agachada, dobrar-se por muito tempo. Requer um conjunto de ações corporais simultâneas. Braços, mãos e pernas são exigidas ao mesmo tempo. Além disso, como já mencionado, a intensificação do trabalho, também é promovida pelos produtos de secagem rápida, como as massas do rejuntamento e da argamassa do assentamento, utilizados nos pisos e azulejos, que obrigam as mulheres a trabalharem sem interrupção, de forma contínua e rápida, destacando a necessidade de “mais trabalho”.

A imposição de “mais trabalho” é identificada através das etapas sucessivas das atividades. Terminada uma etapa é preciso começar outra imediatamente, antes que o produto seque. A secagem rápida facilita o início de outras etapas de imediato, o que exige mais trabalho. Desta maneira, o trabalho se mantém em um ritmo acelerado, tanto por causa do produto como também, pelas tarefas estabelecidas, que são a quantidade de apartamentos concluídos em um dia; quanto menor o tempo gasto, maior é a quantidade de apartamentos finalizados no mês e isto implica em gratificações. As gratificações são oferecidas pela assiduidade, pontualidade e principalmente pela produtividade.

Desta forma, conclui-se que o trabalho das mulheres no setor de acabamento, segue

mantendo as mesmas características identificadas por estudiosos do setor, que afirmam que a construção civil é marcada pela intensificação do trabalho. As mulheres trabalhadoras são expostas a um ritmo acelerado e constante, longos períodos sem intervalos para descanso e dispêndio de capacidades físicas e também emocionais para suportar as condições de improviso no local de trabalho e a pressão pela produtividade.

### **1.3 A Divisão Sexual do Trabalho**

O estudo identificou que a divisão sexual do trabalho mantém-se inalterada, os papéis masculinos e femininos continuam bem definidos estabelecendo o que é trabalho de homem e o que é trabalho de mulher, com nítida separação e hierarquização dos trabalhos.

Acreditava-se ou propunha-se a verificar neste estudo, que a inserção feminina na construção civil nas funções de pedreira, ceramista, rejuntadora, funções antes desempenhadas exclusivamente por homens, pudesse sinalizar os primeiros passos para uma mudança na hierarquização do trabalho e da separação entre trabalho de homem e trabalho de mulher. Postulava-se indícios de uma nova divisão sexual do trabalho ou de uma nova configuração do trabalho, já que as mulheres estão realizando os chamados “trabalhos de homens” ou inserindo-se em uma “profissão masculina”. No entanto, verifica-se que as mulheres estão se concentrando no setor de acabamento, principalmente para fazer o rejunte e depois a limpeza, serviço que assemelha-se com o doméstico e os homens estão deixando esta função. A pesquisa não encontrou nenhum homem desempenhando a função de rejuntamento e limpeza, nos canteiros de obras analisados.

As mulheres que possuem cursos de qualificação de pedreira de acabamento são constantemente contratadas para o rejuntamento e limpeza. Aquelas que estão exercendo a função de ceramista estão realizando apenas o concerto das peças com defeito. Este serviço era realizado anteriormente, apenas por homens. Na comparação entre mulheres e homens que realizam o mesmo serviço, isto é, o reparo das peças com defeito, os salários dos homens é superior aos das mulheres. Assim, na análise à luz das questões de gênero verifica-se as desigualdades de salários.

Na definição de uma nova configuração de trabalho para as mulheres é possível uma análise com duas variantes: a primeira variante volta-se para uma nova configuração de trabalho enquanto espaço profissional recentemente aberto às mulheres, evidenciando a

ruptura de uma profissão exclusiva para homens neste setor. A outra variante é que não se trata de uma nova configuração de trabalho para as mulheres, mas sim, de novos contornos da divisão sexual do trabalho. É uma nova profissão feminina com a manutenção das desigualdades de gênero, em um setor tradicionalmente masculino, pois nota-se que os condicionantes de gênero estão profundamente inseridos nas práticas e valores fortalecidos pela imposição do trabalho doméstico às mulheres. O trabalho no setor de acabamento é precário e intensificado.

O fato das mulheres exercerem função de pedreira de acabamento, ceramista e rejuntadora, tradicionalmente masculina, não significa uma mudança da divisão sexual do trabalho. Principalmente se levarmos em consideração que é uma atividade manual e que requer certas habilidades “ditas femininas” como o cuidado, a paciência a agilidade e destreza com mãos e dedos, visto como uma função onde as mulheres mais se adaptam.

Verifica-se a desigual divisão sexual do trabalho doméstico, fator este que se mantém e influencia para estas mulheres o “seu lugar na construção civil”. O trabalho, no setor de acabamento é uma extensão ou uma variante do trabalho doméstico, isto é, o serviço de rejuntamento assemelha-se ou pode ser comparado com o ato de “fazer e limpar”. O que significa dizer “produzir e limpar”.

Ao produzir o produto final que é a colocação manual do rejunte é necessário fazer a limpeza e a limpeza está associada ao trabalho doméstico e trabalho doméstico é trabalho de mulher, por isso, a grande maioria das mulheres está no setor de acabamento, mais precisamente no rejunte, onde as habilidades domésticas, são vistas como habilidades manuais e naturais.

A entrada das mulheres no setor de acabamento está associado ao lugar que as trabalhadoras de baixa escolaridade ocupam na sociedade, que é no trabalho doméstico.

O deslocamento feminino para o setor de acabamento revela o início da feminização do trabalho neste setor, este deslocamento é o mecanismo promovido pelo processo produtivo, no qual as mulheres são inseridas nos segmentos terminais do trabalho, isto é, o setor de acabamento é o último estágio da obra e requer habilidades manuais.

Inicia-se na construção civil o processo de desmasculinização (o trabalho deixa de ser exclusivo para homens) do trabalho no setor de acabamento, com o forte argumento das “habilidades naturais” e trabalho fácil e leve, mas o que se presencia são os primeiros passos para a feminização do setor. Desta forma, verifica-se que não há uma nova divisão sexual do

trabalho na construção civil, no setor de acabamento, e sim um novo contorno; a desmasculinização do trabalho para impor a feminização com forte apelo do trabalho manual. Isto nos permite compreender uma composição sexuada da mão-de-obra que passa por mudanças, mas estabelece as “fronteiras do masculino e do feminino” manifestada através das desigualdades, exploração e promovida pelo trabalho manual que se assemelha com o trabalho doméstico.

Segundo a abordagem tradicional, sobre o trabalho feminino, a posição que a mulher ocupa no interior da família é significativa para compreender a sua posição desfavorecida no mercado de trabalho. As relações de poder que as forças patriarcais determinam é fator fundamental para entender as desigualdades e exploração sobre o trabalho das mulheres. A situação das mulheres passou de um “patriarcado privado para um patriarcado público”.

Apesar de todas as mudanças culturais conquistadas pelas mulheres, ajudando a promover a grande inserção feminina no mercado de trabalho, levando-as a assumir profissões tradicionalmente masculinas, como é o caso da construção civil, ainda recai sobre elas o peso das relações patriarcais. Estas relações patriarcais impõem às mulheres o trabalho doméstico, a exploração, os salários inferiores, as desigualdades de tratamento e de oportunidades. O “patriarcado público”, característica fortemente presente no setor de acabamento, define o lugar e o papel das trabalhadoras, quando destina a elas os trabalhos manuais associados aos de limpeza e as impedem de executar outras atividades dentro do canteiro de obras, que são definidas como masculinas, embora sejam também manuais, mas não associadas a ideia de limpeza, ou seja, de serviço doméstico.

A pesquisa revelou que as mulheres da construção civil estão sujeitas ao patriarcado público e privado, com imposição clara do seu lugar e do seu trabalho. O patriarcado público a destina para o setor de acabamento, o privado a impõe o trabalho doméstico. Trabalham nove (09) horas diárias no canteiro de obras e dedicam em média de três (03) a quatro (04) horas para os afazeres domésticos a cada dia, o que totaliza em média doze (12) horas de jornada de trabalho. Em suas casas predomina a ideia de que trabalho doméstico é trabalho de mulher e o seu salário é visto como complemento. Nos canteiros de obras, ouvem “piadinhas” que lugar de mulher é pilotando fogão e sofrem com insinuações de que mulheres que trabalham na construção civil são vadias.

**Tabela 4 – Divisão sexual do trabalho doméstico das trabalhadoras da construção civil em Anápolis e Goiânia**

Divisão Sexual do trabalho doméstico	
Realizam o trabalho doméstico	12
Delegam ou externalizam o trabalho doméstico	05
Divide o trabalho doméstico com o marido ou companheiro	02

Fonte: Dados obtidos sobre a divisão sexual do trabalho doméstico. Elaboração própria

#### 1.4 As Habilidades Manuais

As habilidades manuais, tornaram-se o portão de entrada para as mulheres no setor de acabamento. As iniciativas de introdução da mulher na construção civil começaram com o “Projeto Mão na Massa” que foi o pioneiro e incorporado através dos programas de inclusão das mulheres com vulnerabilidade social, pertencentes aos programas sociais do governo federal, como o Bolsa Família. Estas iniciativas partem do princípio, de que as habilidades manuais femininas são características fundamentais para o setor de acabamento.

A naturalização de que as mulheres possuem maior habilidade manual que os homens e que fazem o serviço de acabamento com mais cuidado e atenção aos detalhes, devido às habilidades manuais está presente nos discursos, de homens e mulheres nos canteiros de obras. Tornou-se o elo facilitador da exploração, das desigualdades, da intensificação e precarização do trabalho feminino no setor de acabamento. Nestes atributos femininos estão contidas formas de imposição dos trabalhos manuais às mulheres.

O setor de acabamento exige trabalho manual, destreza e agilidades dos dedos, atenção e cuidado com os detalhes, é um serviço artesanal onde a tecnologia ainda não está presente, a não ser através das ferramentas, que facilitam o trabalho, da inovação dos materiais como argamassa, dos pisos, revestimentos e das novas técnicas de assentamento.

A pesquisa revela que a utilização da força de trabalho feminina na construção civil, volta-se para a determinação de papéis do que seja trabalho feminino e trabalho masculino. A mulher é inserida exatamente no setor onde as atividades se assemelham com o serviço doméstico e menos desenvolvido tecnologicamente, isto é, onde os equipamentos e máquinas que ajudam na realização das atividades de construir, não são utilizados. Onde é necessário o trabalho manual, a paciência, o trabalho repetitivo. Nas funções definidas como



masculinas dentro do canteiro de obras, as mulheres não estão presentes.

A falta de mão-de-obra promovida pelo crescimento da construção civil, favoreceu a inserção feminina e as habilidades manuais passaram a ter um significado importante em um setor que exige certos atributos femininos. Durante muito tempo, o setor de acabamento foi ocupado exclusivamente por homens e a partir da última década, a mulher passou a exercer esta função.

A presença feminina no setor de acabamento, indica que está ocorrendo tanto mudanças, como manutenção ou reforço, de elementos que compõem a desigual divisão sexual do trabalho. Mudanças, porque as mulheres estão exercendo uma atividade tradicionalmente masculina e o setor de acabamento deixou de ser reduto exclusivo de homens. Reforço, porque os elementos que compõem a tradicional divisão sexual do trabalho como o trabalho manual e a pouca valorização das habilidades ditas naturais do sexo feminino, não são aproveitadas como qualificação, mas como forma de exploração em um novo nicho profissional que se assemelha com o trabalho doméstico.

Os empregadores reconhecem as qualidades próprias da mão de obra feminina, mas não as transformam como fator de valorização da mão de obra, sendo nítido as políticas diferenciadas praticadas no interior das empresas segundo o sexo. As mulheres não são aproveitadas em outros setores da construção civil. Os homens constantemente são aproveitados, mesmo não possuindo experiência ou cursos.

Em seus estudos sobre a divisão sexual do trabalho, Hirata (2012) concluiu que na reestruturação produtiva do capital e do trabalho, existe uma exploração intensificada do trabalho feminino. O trabalho manual e repetitivo é atribuído às mulheres e aquele que requer conhecimento técnico são atribuídos aos homens. Destaca também que, as habilidades manuais das trabalhadoras são reconhecidas, mas não colocadas como qualificação e valorizadas no processo produtivo. São reconhecidas, mas intensamente exploradas como atributo a serviço do capital.

Esta realidade se confirmou através da pesquisa nos canteiros de obras, em Anápolis e Goiânia. As mulheres estão se concentrado exatamente no setor onde as exigências por trabalho manual, de execução de tarefas e menos complexa, que envolve poucos materiais e ferramentas. O setor de acabamento, devido às exigências do mercado consumidor, que está cada vez mais voltado para o novo passa a exigir perfeccionismo, isto é, bom acabamento no assentamento das peças ou no rejuntamento, para satisfazer consumidores cada vez mais

exigentes.

É a utilização do trabalho pelo ritual estético, cujos gestos aperfeiçoados pelos trabalhos domésticos são os atributos pelos quais são contratadas. Se as habilidades manuais são o portão de entrada para as mulheres no setor de acabamento, também é atribuído a elas a intensificação e precarização do trabalho feminino no setor de acabamento.

As habilidades manuais tornam-se um novo contorno da divisão sexual do trabalho é o “arranjo de flores”<sup>2</sup> que transforma habilidades em uma extensão do trabalho doméstico, onde o “produzir está ligado ao limpar”.

A Tabela 5 destaca a quantidade de mulheres que possuíam cursos de qualificação e atuação na função.

**Tabela 5- Mulheres qualificadas para a função de pedreira e ceramista em Anápolis e Goiânia**

Cursos/atuação na função	Quantidade
Mulheres que possui curso de pedreira de acabamento e ceramista	07
Mulheres que atuam na função	02
Mulheres com qualificação e não atuam na função	05

Fonte: dados coletados na pesquisa nos canteiros de obra. Elaboração própria

### 1.5 A polarização do trabalho feminino

A polarização do trabalho feminino de acordo com Hirata (2003) assinala o aumento de mulheres que estão ocupando altos postos de prestígio e bem remuneradas, enquanto uma grande maioria das trabalhadoras está na outra ponta do processo, ocupando postos de trabalho mal remunerado, em tempo parcial, trabalho temporário e terceirizado. Os efeitos produzidos pela reestruturação produtiva sobre os trabalhadores são mais intensos para as mulheres, assim, os resultados do emprego flexível como: a precarização, a intensificação, o

2 Fazendo uma analogia à confecção de arranjos de flores tradicional na educação das jovens na cultura japonesa, que desperta habilidades como paciência, destreza, trabalho analítico, minucioso, de estruturação e reestruturação das flores e folhas de acordo com uma ordem rígida estabelecida, parece ser a preparação para o trabalho operário. É uma introdução aos gestos dissociados, às tarefas fragmentadas e repetitivas. Esta técnica é amplamente utilizada nas empresas japonesas para melhorar as habilidades das operárias, com forte pressão ao tempo de composição do arranjo de flores. (HIRATA 2012).

trabalho parcial e temporário, as habilidades manuais são considerados como os novos contornos da divisão sexual do trabalho na esfera produtiva.

Na construção civil, no setor de acabamento, que a introdução tecnológica ainda é limitada, não verifica-se a polarização entre o trabalho masculino nos setores tecnologicamente desenvolvidos e a concentração de mulheres nos setores de trabalho manual. Porém, não se pode deixar de analisar, que embora a construção civil como um todo, esteja voltada para o “construir” e sem a predominância de máquinas computadorizadas que exigem mão de obra qualificada, as mulheres estão sendo inseridas no setor de trabalho manual, antes de domínio masculino, e não são aproveitadas nas funções de construir, rebocar e chapiscar paredes, fazer contrapiso, lajes, fundação. Estas funções ainda são de domínio masculino e consideradas trabalho pesado e não possuem conotação de trabalho manual ligado às atividades domésticas. Assim, a polarização acontece entre as funções consideradas masculinas e femininas, fortemente influenciadas pelo trabalho doméstico atribuído às mulheres. Não existe a coexistência que promove a polarização das qualificações e trabalho de um lado, com trabalhadores superqualificados, que utilizam a automação e a microeletrônica e de outro lado, os trabalhadores desqualificados. A construção civil, (setor de acabamento) é composta por trabalhadores de baixa escolaridade, onde o “saber fazer e a experiência” prevalecem.

Em relação à bipolarização, das mulheres com cursos universitários e das sem qualificação, dentro do setor de acabamento, não é promovida por escolaridade, mas por qualificação e experiência. A qualificação está voltada para os cursos práticos de curta duração e não universitários. Nesta avaliação, não entra as engenheiras, arquitetas, técnicas em segurança no trabalho e outros, que possuem formação universitária. A pesquisa voltou-se somente para as trabalhadoras do setor de acabamento, mas torna-se importante para fins de informação destacar que os cursos de engenharia de construção em Goiás, possuem apenas 0,58% de participação feminina. Estes dados também provocam a polarização das mulheres, as que possuem curso superior de Engenharia recebem salários maiores e ocupam funções valorizadas e na outra ponta do processo estão as mulheres com baixa escolaridade, ocupando funções que exigem trabalhos manuais, pouco remunerados, precários e intensificados.

Existe uma diferença de salário entre pedreira de acabamento com as rejuntadoras. As pedreiras de acabamento possuem status e classificação superior na carteira de trabalho e nem sempre possuem o Ensino Médio completo. Entre as rejuntadoras, mesmo recebendo salários inferiores, também encontram-se mulheres com Ensino Médio completo.

A polarização entre homens e mulheres nos setores ou funções, não é promovida por avanços tecnológicos, mas unicamente por questões de gênero. A concentração das mulheres no setor de acabamento não está diretamente relacionada com a desqualificação da mão de obra, mas com as habilidades manuais, ditas naturais, impostas pelo trabalho doméstico, pois, os homens também possuem baixa escolaridade. No setor de rejuntamento, onde é necessário realizar a limpeza, não foi encontrado nenhum homem desempenhando esta função.

**Tabela 6 - Comparação entre Anápolis e Goiânia sobre o trabalho das mulheres na Construção Civil**

Mulheres na Construção Civil	Anápolis	Goiânia	Total de mulheres
Quantidade de mulheres no Canteiro de Obra	07	10	17
Idade	de 19 a 42 anos	de 20 a 57 anos	-
Salário	De 1.000,00 a 1.300,00	De 1.200,00 a 2.000,00	17
Fizeram curso de qualificação	05	02	07
Responsável pelo serviço doméstico em casa	04	08	12
Horas gastas para o trabalho doméstico por dia	03 horas ou mais	03 horas ou mais	06
Delegam e externalizam o trabalho doméstico	03	02	05
Jornada de trabalho	09 horas	09 horas	17
Casadas	06	08	14
Tem filhos	06	10	16
Solteiras	01	02	03
Vínculo empregatício	Carteira assinada	Carteira assinada	17
Tempo de trabalho na Construção civil	de 03 a 09 meses	de 01 a 24 anos	-
Naturais da cidade	02	03	05
Naturais de outros Estados	02	04	06
Naturais de outras cidades do Estado de Goiás	03	04	07

Fonte: Dados coletados através das entrevistas e pesquisa de campo. Elaboração própria

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os objetivos deste estudo voltam-se para a identificação das mulheres trabalhadoras da construção civil, verificando quem são estas mulheres, suas idades, escolaridade, situação de trabalho e de onde estão se deslocando. Volta-se para conhecer os motivos que levaram estas mulheres a inserir-se na construção civil como pedreiras, ceramistas, azulejistas, rejuntadoras. Visa verificar e analisar os novos contornos da divisão sexual do trabalho e destacar como se processa a divisão sexual do trabalho doméstico dentro e fora dos canteiros de obras. Analisa se estas relações de trabalho estabelecem uma maior desqualificação, precarização e intensificação do trabalho feminino, ou está iniciando o rompimento com o sistema hierárquico de gênero, nesta profissão tradicionalmente masculina.

Fundamentado nestes objetivos que auxiliaram a busca para a resposta do problema proposto: “O deslocamento do trabalho feminino para a construção civil, reforça os novos contornos da divisão sexual do trabalho e amplia a precarização e intensificação para as mulheres ou promove o surgimento de uma nova configuração do trabalho? leva-se às seguintes conclusões dos dados e resultados encontrados:

As mulheres trabalhadoras da construção civil, do setor de acabamento, nas empresas pesquisadas estão na faixa etária, em sua grande maioria, entre 30 a 47 anos, são casadas e com filhos possuem o Ensino Fundamental completo e Ensino Médio completo e incompleto. Estão na profissão em média 5 anos, os contratos de trabalho são formais e a força de trabalho nos canteiros de obras se constitui essencialmente de outras cidades do interior de Goiás e de outros Estados da Federação. A relação entre mulheres qualificadas (cursos práticos) e não qualificadas se equiparam. A responsabilidade pelo trabalho doméstico recai sobre estas trabalhadoras e algumas mulheres delegam ou externalizam esta atividade. Possuem uma jornada de trabalho de 45 horas semanais.

As mulheres que estão no setor de acabamento, deslocaram-se do serviço doméstico, atraídas por melhores salários, pela carteira assinada, pela possibilidade de crescimento profissional, (mudança de classificação) que independe de escolaridade, pelo status diferenciado do trabalho doméstico, que na visão delas é maior e se sentem mais valorizadas. A inserção feminina na construção civil foi promovida pela falta de mão de obra masculina, devido ao crescimento do setor a partir de 2007, impulsionado pelos programas do governo, como Minha Casa Minha Vida - MCMV, pelo Programa de Aceleração do Crescimento - PAC

1 e PAC 2, pelos programas do Ministério do Trabalho e Emprego - MTE e pelas Secretarias de Políticas Públicas para as Mulheres - SPPM, com os Programas “Mulheres na Construção Civil.” Os cursos de qualificação de pedreira, ceramista, azulejista, rejuntadora, para as mulheres de baixa renda e vulnerabilidade social e econômica visavam a sua inserção no setor da construção civil, como meio de proporcionar cidadania através do trabalho. Em Goiás, os cursos de qualificação, também são promovidos pelo SENAI que teve um aumento de 30% de 2011 a 2014, de mulheres que concluíram os cursos da área da construção civil, entre eles pedreira de alvenaria, ceramista, azulejista, rejuntadora, pintora, técnica em instalação hidráulica e elétrica.

Este deslocamento não se dá de forma intensa, com grandes quantidades de trabalhadoras, mas notou-se que tem se mantido constante e crescente. Do ano de 2000 a 2013, pouco mais de uma década é possível verificar a evolução do emprego feminino na construção civil. Como comprovam os dados do MTE, RAIS, CBIC: 83,000 em 2000, 137,969 em 2008, 240,945 em 2011 e 276,588 em 2013. Estes dados demonstram um deslocamento das mulheres para este setor de modo constante e significativo. Estas informações tornam-se importantes para a avaliação do deslocamento do trabalho feminino para uma profissão tradicionalmente masculina, que até recentemente era local de trabalho exclusivo dos homens.

Em Goiás, de 2009 a 2013, a evolução do emprego formal para as mulheres na construção civil passou de 4.009 para 7.380 totalizando 84,08% de crescimento do trabalho feminino. Em 2013, Anápolis gerou 377 empregos formais e em Goiânia 3.921. (RAIS,2013).

A entrada das mulheres no setor da construção civil, denominado de “deslocamento”, verificou que elas estão inseridas no setor de acabamento, lugar de poucas ferramentas, máquinas e desenvolvimento tecnológico. Estão classificadas como pedreira de alvenaria, que são as ceramista, azulejistas e como serventes e serviços gerais, que são as rejuntadora e responsáveis pela limpeza final dos apartamentos.

O deslocamento das mulheres é identificado como um processo de afrouxamento de antigas formas culturais, que estabelecia que a construção civil era lugar somente para homens. As políticas de inserção feminina e a falta de mão de obra no setor contribuíram para esta mudança. Contudo, ainda não é possível falar em rompimento dos preconceitos, existe a visão, por parte de alguns homens nas obras, de que as mulheres que trabalham na construção são “vadias” e que o lugar de mulher é pilotando fugão, visão expressadas através de

piadinhas e assédios morais e sexuais.

As mulheres estão inseridas no setor de acabamento, onde o trabalho é manual e assemelha-se ao doméstico, principalmente na função de rejuntadora, pois esta função é responsável também da limpeza dos apartamentos. A divisão sexual do trabalho, mantém-se inalterada dentro e fora do canteiro de obra. Os papéis masculinos e femininos continuam bem definidos estabelecendo o que é trabalho de homem e o que é trabalho de mulher. As habilidades manuais são reconhecidas, mas não valorizadas, são tratadas como um diferencial profissional das mulheres no setor, tornaram-se o portão de entrada para as mulheres no setor de acabamento na construção civil.

Fora das obras, em suas casas são responsáveis pelos trabalhos domésticos, que são realizados após a jornada de trabalho, dedicando a estas tarefas, em média 03 horas diárias e nos finais de semana as horas se intensificam. Estas trabalhadoras no seu cotidiano desempenham duplas jornadas de trabalho. Algumas mulheres delegam ou externalizam a outras mulheres o serviço doméstico, seja através de um pagamento ou da ajuda de familiares. Contudo, a maioria delas são responsáveis pelo serviço, depois que chegam do trabalho.

No canteiro de obras, as habilidades manuais são potencializadas e convertidas em exploração, seus atributos naturais aprimorados por causa das tarefas domésticas, não são considerados como qualificação e o serviço no setor de acabamento é uma extensão do trabalho doméstico, onde o produzir está ligado ao limpar, ou onde o produzir e limpar possuem a mesma dimensão. As mulheres não são aproveitadas em outras funções, consideradas masculinas e por isso, são mais facilmente demitidas.

A pesquisa revelou que no setor de acabamento, das empresas pesquisadas em Anápolis e Goiânia está acontecendo uma classificação/reclassificação e hierarquização das áreas de atuação de homens e mulheres. As atividades manuais do setor de acabamento passaram a serem vistas como trabalho de mulher, principalmente porque está ligada à atividade de limpeza, hierarquicamente inferior às demais funções onde as mulheres não atuam e não são aproveitadas. Esta reclassificação é promovida pelas habilidades manuais.

Quando executam as mesmas funções, (pedreira de acabamento) recebem salários inferiores, e as gratificações são provenientes da produtividade ou tarefas e das horas extras. Como não são aproveitadas em outros setores, as horas extras são limitadas para as mulheres. Os salários das trabalhadoras de Anápolis e Goiânia são diferentes. As mulheres em Goiânia recebem um salário superior e permanecem por mais tempo no emprego, isto é, o tempo de

contratação dura mais e são menos qualificadas do que as trabalhadoras de Anápolis. As trabalhadoras de Anápolis recebem salários inferiores porque são remanejadas para os serviços de limpeza geral (varrer outros apartamentos, lavar piscina e outros) estas atividades não são contabilizadas como gratificações e tarefas.

Apesar de todas as mudanças culturais conquistadas pelas mulheres, as quais ajudaram a promover a grande inserção feminina no mercado de trabalho, levando-as também a assumirem profissões tradicionalmente masculinas, como é o caso da construção civil, ainda recai sobre elas o peso das relações patriarcais. Estas relações patriarcais impõem às mulheres o trabalho doméstico, a exploração, os salários inferiores, as desigualdades de tratamento e de oportunidades. O “patriarcado público”, característica fortemente presente no setor de acabamento, define o lugar e o papel das trabalhadoras, quando destina a elas os trabalhos manuais associados aos de limpeza e as impedem de executar outras atividades dentro do canteiro de obra, que são definidas como masculinas, embora sejam também manuais, mas não associadas à ideia de limpeza, ou seja, de serviços de limpeza.

Inicia-se um processo de polarização do trabalho feminino, com a separação dos setores intelectuais e manuais. As mulheres com nível superior, como as engenheiras, arquitetas, técnicas em segurança no trabalho, recebem salários superiores, as do setor manual, como as pedreiras, ceramistas, azulejistas, rejuntadoras, com baixa escolaridade, recebem salários inferiores. Verifica-se que entre as mulheres do setor manual, de acabamento, existe uma bipolarização, as que são classificadas como pedreiras de acabamento, possuem status e salários maiores. Muitas vezes esta classificação independe de qualificação. Encontra-se presente, uma situação atípica, os extremos ou polos existentes, não são promovidos pela escolaridade, mas pela experiência, pelo saber fazer.

A presença feminina na construção civil, indica que está ocorrendo tanto uma mudança como uma manutenção e reforço da divisão sexual do trabalho. Mudança devido à própria inserção da mulher, que evidencia mudanças de valores culturais neste setor majoritariamente e tradicionalmente masculino. Indica uma reclassificação da função de rejuntadora e ceramista. E manutenção e reforço porque é mantido a exploração das habilidades manuais em um serviço que se assemelha com o doméstico e a desigual divisão sexual do trabalho continua inalterada. As habilidades manuais transformaram-se em um novo contorno da divisão sexual do trabalho, onde o “arranjo de flores,” que transforma habilidades em extensão do serviço doméstico e mantém as desigualdades e exploração para as mulheres.



O problema de pesquisa, acima destacado questiona se o deslocamento feminino para a construção civil amplia a precarização e intensificação para as mulheres ou promove o surgimento de uma nova configuração do trabalho. De acordo com os dados coletados através das entrevistas e observações nos canteiros de obra verifica-se que para as mulheres, a precarização e intensificação são ampliadas e fortalecidas pelas desigualdades de gênero, presentes nas relações de trabalho. Sendo um setor onde tudo está por construir e não existem condições apropriadas de uso, como por exemplo, os banheiros, as mulheres são forçadas a passar longos períodos sem utilizá-lo e as dificuldades aumentam no período menstrual. Diferente dos homens que os improvisos ou arranjos são mais facilmente encontrados.

Amplia-se na medida em que, além de estarem expostas às condições próprias do trabalho precário e intensivo como a temporalidade das contratações, das péssimas condições de trabalho, da descentralização das tarefas para a eficácia produtiva, do estabelecimento de quantidade de tarefas, altos níveis de riscos de acidentes e doenças laborais, baixos salários e exploração, são também afetadas pelos condicionantes sociais e desigualdades impostas pelo trabalho doméstico. A precarização é promovida pela descontinuidade do processo produtivo, no qual predomina o princípio da sucessão e da demanda por diferentes especialidades, o que provoca uma alta rotatividade.

Conclui-se que em Anápolis e Goiânia, o trabalho feminino é precarizado, onde verifica-se um trabalho com grande instabilidade e temporalidade, controle e individualização do trabalho das mulheres, com gratificação por produtividade, trabalham em condições difíceis e mesmo sendo um emprego formal, a proteção e direitos trabalhistas são achatados. Apesar do salário ser superior ao que recebiam, enquanto trabalhavam como doméstica, recebem em média, pouco mais de dois salários mínimos. A intensificação é registrada através do grande dispêndio de energia física e emocional, com ritmo acelerado, sem interrupções, durante a jornada de 09 horas diárias e movimentação contínua e repetitiva, não apenas de braços e mãos, mas de todo o corpo. Destaca-se a necessidade de mais trabalho com a utilização das inovações tecnológicas dos produtos e materiais de secagem rápida. Isto implica em um estado de exaustão no final da jornada de trabalho.

As relações de trabalho para as mulheres do setor de acabamento, onde as atividades podem ser comparadas como uma extensão do serviço doméstico por causa do trabalho manual necessário, estabelece uma maior desqualificação, precarização e intensificação do trabalho feminino. E não está rompendo com o sistema hierárquico de gênero nesta profissão tradicionalmente masculina. A separação e hierarquização do trabalho, entre homens e

mulheres presente nos canteiros de obras, estabelecem o lugar das mulheres e dos homens e assim, o que se postulava no início deste estudo, verificar indícios de uma nova divisão sexual do trabalho, por se tratar de uma inserção feminina em uma profissão masculina e considerada “trabalhos de homens,” não se confirmou.

Contudo, torna-se fundamental registrar que o trabalho feminino no setor de acabamento passa por uma reclassificação e hierarquização promovida pelas habilidades manuais. Esta reclassificação não promove o trabalho igualitário ou quebra as barreiras entre as relações de gênero que desqualifica o trabalho feminino, ao contrário, percebe-se a hierarquização das atividades.

O trabalho se reclassifica, mas mantém o núcleo central que é a desigualdade e exploração do trabalho feminino, promovida pela divisão sexual do trabalho, em uma profissão anteriormente masculina.

Inicia-se na construção civil, nas empresas pesquisadas, o processo de desmasculinização do trabalho no setor de acabamento, com o forte argumento das “habilidades naturais” e trabalho fácil e leve, mas o que se presencia são os primeiros passos para a feminização do setor com alto grau de intensificação. Desta forma, verifica-se que não há uma nova divisão sexual do trabalho na construção civil, no setor de acabamento e sim, um novo contorno, a desmasculinização do trabalho para impor a feminização.

O deslocamento das mulheres para a construção civil, promove uma nova configuração de trabalho, uma reclassificação da função, pois é um setor tradicionalmente e majoritariamente masculino e esta ruptura está promovendo um novo nicho profissional para as mulheres. Esta nova configuração de trabalho, está se processando no setor de acabamento, onde o trabalho é manual, repetitivo, exige atenção aos detalhes e habilidades manuais.

Devido a estas características a pesquisa levanta outros questionamentos a serem pesquisados: Estamos vivenciando o início da redefinição da profissão como feminina? O setor de acabamento revela o início da mudança de ideologia profissional? O setor de acabamento revela o início do fenômeno da interdependência entre o trabalho doméstico e o trabalho remunerado para as mulheres, sob formas e status diferentes? Somente através da sociologia do trabalho estes questionamentos poderão ser apreendidos e compreendidos e fortalece a necessidade de novas pesquisas no setor.

Assim, conclui-se que o deslocamento do trabalho feminino para a construção civil promove o surgimento de uma nova configuração de trabalho para as mulheres, mas não

promove uma nova divisão sexual do trabalho, apesar da mulher iniciar uma ruptura dos padrões tradicionais, que estabelece o que seja trabalho de homem e trabalho de mulher, ou melhor, do que seja profissão masculina e feminina. Os condicionantes de gênero ainda mantêm a tradicional divisão sexual do trabalho, onde o “trabalho de homem vale mais que trabalho de mulher” e se configura como mais um trabalho para as mulheres, mas com precarização e intensificação em suas atividades laborais.

As transformações no mundo do trabalho, aliadas à inserção intensa da mulher no mercado de trabalho e o acesso a esta profissão tradicionalmente masculinas, não significa a ruptura com as antigas formas de opressão e desigualdades que sempre estiveram presentes na tradicional divisão sexual do trabalho. Este deslocamento das mulheres para a construção civil é o retrato de que as desigualdades, embora com outra roupagem ou modificadas pelas transformações em curso, seja pelas políticas de inserção feminina, mediadas pelos cursos de qualificação profissionais, pela falta de mão de obra do setor e pelas mudanças culturais promovidas pelo movimento feminista, continuam existindo e contribuindo para a formação de novos contornos da divisão sexual do trabalho.

No início deste estudo questionou-se: como são estes novos contornos da divisão sexual do trabalho? O estudo possibilitou a seguinte afirmação; que os novos contornos identificados na pesquisa, estão presentes no trabalho feminino na construção civil (polarização, escolaridade, delegação e/ou externalização do serviço doméstico, habilidades manuais), possuem as mesmas características e formas de opressão e desigualdades para as mulheres que atuam no setor. E as habilidades manuais ditas naturais estão promovendo um novo contorno da divisão sexual do trabalho, a desmasculinização no setor de acabamento nas empresas pesquisadas. Os novos contornos elencados neste estudo foram identificados e constitui-se como elementos que reforçam a precarização e intensificação do trabalho feminino.

Observa-se mudanças, mas também evidencia na estrutura ocupacional destas trabalhadoras, o peso de inserções precárias, intensificadas e com baixos rendimentos. A entrada da mulher no setor de acabamento, reforça as desigualdades e persistem os rendimentos médios reais inferiores aos dos homens. Esse cenário mostra que, mesmo avançando no mercado de trabalho, há um longo caminho no alcance de uma inserção mais justa e igualitária. A mulher trabalhadora, não conseguiu se desvincular dos condicionantes que mantêm a tradicional divisão sexual do trabalho.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, Ricardo. Os Sentidos do Trabalho. 7ª Ed. São Paulo: Boitempo, 2005, p. 105-111.
- ANTUNES, Ricardo. Adeus ao trabalho? : ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 15 ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- ANTUNES, Ricardo. A nova morfologia do trabalho e o desenho multifacetado da ação coletiva. In M. A. Santana & J. R. Ramalho (Orgs.), Além da fábrica: trabalhadores, sindicatos e a nova questão social. São Paulo : Boitempo, 2003.
- ANTUNES, R. Riqueza e miséria do trabalho no Brasil. Ricardo Antunes (org.) São Paulo, Boitempo, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. 9ª ed. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil. 2010.
- BRITO, J. e OLIVEIRA, O. Divisão Sexual do Trabalho e Desigualdade nos Espaços de Trabalho. In: FILHO,F.S e JARDIM S. (orgs.) A Danação do Trabalho,. Te Corá. Rio de Janeiro. 1997.
- BRUSCHINI, C. "Gênero e trabalho no Brasil: novas conquistas ou persistência da discriminação? (Brasil, 1985/95)". In: M. I. B. da Rocha (Org.). Trabalho e gênero: mudanças, permanências e desafios. Campinas: ABEP: NEPO: UNICAMP, Ed. 34, 2000.
- DAL, Rosso Sad. Mais trabalho: a intensificação do labor na sociedade contemporânea. São Paulo: Boitempo, 2008.
- DURKHEIM, Émile. Da divisão do trabalho social. 4º ed. São Paulo: Martins fontes, 2010.
- GUIMARÃES, Nadya Araújo. Trabalho flexível, Empregos Precários? Uma comparação entre Brasil, França, Japão. GUIMARÃES, Nadya Araújo, HIRATA, Helena, SUGITA, Kurumi, (Orgs.). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.
- GRAVINA, Deise. Lei das domésticas leva mulher à construção civil. Rio de Janeiro, 2013. [www.cimentoitambe.com.br](http://www.cimentoitambe.com.br) maio de 2013, entrevista concedida a Altair Santos.
- HARVEY, David. A condição pós-moderna . São Paulo: Loyola, 1992.
- LEITE DE, Márcia de Paula. Trabalho e Sociedade em transformação. 1ª Ed. 2003. São Paulo: Perseu Abrano.
- LEITE, Marcia de Paula, ARAÚJO, Angela Maria Carneiro (orgs.). O Trabalho reconfigurado : Ensaio sobre Brasil e México. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2009.
- KERGOAT, D. "Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo". In: H. Hirata (org.). Dicionário crítico do feminismo. São Paulo: Unesp, 2009.

MARUANI, Margaret, HIRATA, Helena (orgs.). As novas fronteiras da desigualdade : homens e mulheres no mercado de trabalho. São Paulo: Senac, 2003.

NOGUEIRA, C. M. A feminização no mundo do trabalho: entre a emancipação e a precarização. Campinas: Autores Associados, 2004.

OLIVEIRA, R. P. "Tudo é arriscado": a representação do trabalho entre trabalhadores informais da construção civil. 2004. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

OLIVEIRA, R. P.; IRIART, J. A. B. Representações do trabalho entre trabalhadores informais da construção civil. *Psicologia em Estudo*, Curitiba, v. 13, n. 3, p. 437-445, 2008.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. O poder do macho. São Paulo: Moderna, 1987.

SAFFIOTI, H.I.B. Rearticulando Gênero e Classe Social. In: COSTA A.O. e BRUSCHINI, C. (orgs.) Uma Questão de Gênero. Rosa dos Tempos, FCC. São Paulo e Rio de Janeiro, 1992.

SANTANA, V. S. OLIVEIRA, R. P. Saúde e trabalho na construção civil em uma área urbana do Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 3, p. 797-811, 2004.

SPM. Mulheres construindo autonomia na Construção Civil, Brasília, 2008.

SENNET, R. A corrosão do caráter: Consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. 5. ed. São Paulo, SP: Record, 2001.

SOUZA-LOBO, Elizabeth. A classe operária tem dois sexos: trabalho dominação e resistência. 2. ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011.

TRABALHO, EDUCAÇÃO, JUVENTUDE NA CONSTRUÇÃO CIVIL. Coordenação Marcelo Cortes Neri. Rio de Janeiro: FGV/CPS, 2010. Disponível em: <<http://www.institutovotorantim.org.br/pesquisafgv2011htm>> Acesso em, 26 de set. de 2014.

TELLES, P.C.S. História da Engenharia no Brasil século XX, Clube de Engenharia, 1984.

THOMAZ, E. Tecnologia, Gerenciamento E Qualidade na Construção. São Paulo: Editora PINI, 1ª ed. 2ª tiragem. 2002.

WALBY, Sylvia. As figuras emblemáticas do emprego flexível. In: MARUANI, M; HIRATA, H. (Orgs.). As novas fronteiras da desigualdade: homens e mulheres no mercado de trabalho. São Paulo: Editora Senac, 2003, p. 273.